



DESENROLOS DE UMA EPISTEMOLOGIA DE CRIA A PARTIR DOS CINEMAS NEGROS VIVIDOS NA ESCOLA

CORREA, Marco Aurélio¹

Grupo de Trabalho (GT): GT 2 – Infâncias, Juventudes e Processos Educativos

RESUMO

Há quem diga que as crianças crias de favela são um problema pois não querem nada com nada. Assim, se é no desenrolar de um problema que surge um conceito, nesta pesquisa, aproveito os artifícios dos crias cariocas e uso o cinema feito com as crianças da EM Maria de Cerqueira para desenrolar a composição de uma epistemologia de cria. Digo composição, pois nesse escrito, antes de um conceito, a epistemologia é um consonar de diferentes vozes. Através da confluência de gargalhadas, rimas, brincar, gestos, posturas e passinhos registrados pela linguagem audiovisual atestamos que os crias produzem sim conhecimento.

Palavras-chave: favela. crianças-crias. cinemas negros. epistemologia de cria. escola pública.

INTRODUÇÃO

Esses meninos não tem jeito? São tímidos ou indisciplinados? Respectivamente, as perguntas de Oliveira (2007) e Silva (2009), escolhidas para abrir essa reflexão, nos fazem recordar falas recorrentes de qualquer pessoa que já tenha pisado numa escola pública. Na cidade do Rio de Janeiro é impossível dissociar a existência da escola pública com a realidade das favelas cariocas. Periferias, comunidades ou simplesmente favelas são territórios bem conhecidos e amplamente divulgadas em meios de comunicação. Seja por noticiários pinga sangue que celebram a violência independente da vítima ou por conglomerados midiáticos que glamorizam a favela sem nenhum peso na consciência.

Cavalleiro afirma que esse linguajar direcionado a crianças moradoras de favelas, sobretudo as negras, as condiciona ao “fracasso, à submissão e ao medo, visto que parte das experiências vividas na escola é marcada por humilhações” (2012, p. 200). Diante disso, é necessário uma reviravolta de linguagens, principalmente em seus sentidos, para se compreender os porquês dessas crianças não quererem nada com nada. Em meus estudos de doutorado em educação no ProPEd-UERJ tenho buscado enfrentar o problema em sua raiz semântica a partir da linguagem das próprias crianças-crias, ou seja, crianças

¹ ProPEd-UERJ/SME-RJ. marcao_cp2@hotmail.com.





que são crias das favelas cariocas. Essa pesquisa se desenvolve com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do Complexo de Manguinhos, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que o doutoramento em questão recebe o financiamento PIBPG2022-Chamada CNPq Nº 69/2022 - bolsas de mestrado e doutorado.

OBJETIVOS

O cerne desta pesquisa está em evidenciar como as crianças-crias elaboram na escola através do audiovisual uma epistemologia de cria. Para isso, o objetivo primeiro é entender o porquê os conhecimentos oriundos das favelas são importantes para escolas assombradas pelo fracasso. Em sequência é preciso compreender as diferenciações na projeção da favela como um ambiente de escassez e violência apenas, para uma perspectiva da favela como território de criatividade e muitas possibilidades. O enquadro do plano se completa com os cinemas negros vividos na EM Maria de Cerqueira e como as epistemologias de cria aparecem nas narrativas feitas pelas crianças, e sobretudo como esses filmes são recebidos por elas e seus pares.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cria é uma denominação inventada pelos próprios moradores de comunidades e tem relação direta com uma noção de autoria e vivência. Autoria no sentido de identidade, o cria antes de tudo é aquele que veste um conjunto de gestos, estéticas e posturas que vão muito além do corte de cabelo ou de uma gíria. A autoria do cria está em sua forma de se relacionar com o mundo, seja descontraído ou disfarçado. Como podemos ver na coragem do cria de afrontar o mundo com suas próprias regras para não se tornar mais uma estatística. Deste modo, o cria inventa suas próprias formas de sociabilidade e se torna uma autoridade no sobre-viver na favela. A vivência no sentido de pertencimento, pois ser cria não é apenas nascer em uma favela, mas é sentir orgulho de sua origem mesmo ao sabendo das mazelas de sua realidade. A expressão quem é cria não nasceu para ser criado afirma a força da vivência nesse território, pois ele não é simplesmente criado como um rebento, nem um animado, como também não é um criado, um mero servente. Sua





vivência cria pertencimento quando é compartilhada com outros semelhantes que também lutam por melhores condições de bem viver.

Dada as primeiras pistas destaco a intenção desse escrito: se é no desenrolar de um problema que surge um conceito aproveito a sagacidade dos crias cariocas ao viver os cinemas negros em sala na Escola Municipal Maria de Cerqueira para desenrolar a composição de uma epistemologia de cria. Afirmo composição, pois antes de um conceito, essa epistemologia é um consonar de vozes de diferentes crias. Através da confluência de gargalhadas, rimas, brincares, gestos, posturas e passinhos registrados pela linguagem audiovisual, atestamos que os crias produzem sim conhecimento.

Para hooks (2023) o cinema vivido é uma forma de transformar realidades a partir da magia do cinema. Se a favela é um contínuo dos quilombos de outrora, há de se convir que os seus moradores, os crias, também possuem uma raiz africana que busca por liberdade. No seu samba enredo “Á flor da terra” em 2025 a Estação Primeira de Mangueira deixa evidente o recado ao afirmar que o povo banto que floresce nas vielas tem orgulho de ser favela (2025, p. 66).

Diante desse ponto, busquei trabalhar com crianças referências audiovisuais que representassem crias de formas que intrigassem a sua percepção sobre a identidade e o pertencimento à favela. Curtas como *Lá do alto* (2015; direção: Luciano Vidigal) que nos faz refletir sobre quem são as crianças que habitam as favelas e o que elas desejam e *O plano do ano* (2015; direção: Raphael Cruz) que nos instiga sobre o direito que as crianças negras tem de protagonizarem seus próprios sonhos. Tais filmes compõem a vasta cinematografia dos cinemas negros, formas de fazer audiovisual a partir de autoria e direção negra e vivências e subjetividades negras nas enredos dos filmes como aponta Kênia Freitas (2019).

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

O primeiro procedimento ético foi conseguir a aceitação das crianças, e em seguida seus familiares, em participar das filmagens. Com a participação delas consegui aprovação nos comitês de ética de pesquisa na Plataforma Brasil e na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Um compromisso crucial ético foi respeitar a favela e seus





crias como cidadãos produtores de conhecimento fundamentais para a constituição da cultura carioca e brasileira.

Os procedimentos metodológicos se deram em reflexões teóricas a partir dos autores citados até aqui, tais postulados também me auxiliaram na hora de compor as sequências pedagógicas que originaram os curtas-metragens. A feitura dos filmes se deu com a exibição de curtas feitos por cineastas negros e periféricos, sobretudo de crianças. A proposta foi evidenciar que o cinema apesar de ser uma linguagem elitista é acessível quando a adaptamos a nossas realidades. Em seguida realizamos escritas coletivas para os roteiros, partindo dos interesses esperados e inesperados das crianças: como ciências no *criança faz ciência?*, batalha de rima e dança no *Tropa inteligente e a cultura de rua*, e a cultura de cria no *SER CRIA*. Nas filmagens as crianças manusearam as câmeras na maioria dos momentos, apenas recebendo auxílios meus em alguns movimentos simples como o foco e o zoom. O momento de edição e inscrição dos filmes em festivais ficou sobre meu encargo, por ser uma linguagem mais delicada e precisar de termos legais específicos para a inscrição.

RESULTADOS

Após mergulhar em narrativas dos cinemas negros começamos a elaborar nossos próprios filmes a partir de estudos das linguagens do cinema, como: fotografia, roteiro, produção e som. Todas as etapas protagonizadas pelas crianças e apenas com mediações minhas como professor da turma. Existiram muitos desafios para realizar tais atividades em salas de aula lotadas e sem recursos, como também para cativar os estudantes a participar do cinema vivo, mas ao superar algumas delas notamos que é possível quando vivemos junto o cinema. Na EM Maria de Cerqueira o cinema foi um acontecimento de aquilombamento.

O resultado foram três curtas-metragens: *criança faz ciência?* (2023), *Tropa inteligente e a cultura de rua* (2023) e *SER CRIA* (2025) que retratam diferentes conceitos que compõem a epistemologia do ser cria. Para coroar essas produções os filmes circularam em dezenas de festivais pelo país, tendo alguns a presença das crianças recebendo presencialmente o prestígio do seu feito cinematográfico.





Ao reconhecer a cultura de cria no curta *SER CRIA* podemos perceber que o viver na favela possui seus próprios códigos. Neles estão diversos aprendizados importantes para se entender os cotidianos escolares, cria tem seu ritmo e interesse próprios e quando eles são bem vindos na sala de aula os conteúdos curriculares podem ser bem mais atrativos.

Com o curta *Tropa inteligente e a cultura de rua* vimos diferentes linguagens presentes nas comunidades, o que evidenciou que a favela é espaço de inventividade e arte. Até no que pode parecer banal e violento, como na rima e na dança, existem códigos próprios de sobrevivência e de posicionamento no mundo.

Depois do primeiro desafio ao realizar *criança faz ciência?* percebemos também que crianças-crias também podem fazer cinema. Não à toa o filme foi premiado com menção honrosa no 9º Festival Curta UERJ na categoria infantil. A voz das crias projetadas na tela mostra que suas epistemologias são ciências de compreensão de mundo e tecnologia ancestral em tempos de necropolíticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenrolar é uma gíria carioca para a solução de problemas e encaro a epistemologia de cria como forma de afrontamento ao fracasso escolar. As linguagens dos crias aliadas a criatividade que as salas de aula podem pulsar são artifícios que encorpam as lutas por uma educação mais crítica e criativa. Quando ouvirmos mais nossas crianças negras e moradoras de favelas poderemos ter certeza que elas não são nada tímidas, muito menos desinteressadas.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSA, Bárbara Cristina Nascimento da. **Vidigal: Narrativas de Memórias**. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNRIO). Rio Janeiro, 2019.

FANON, Frantz. **Condenados da terra**. tradução: José Laurêncio Mello, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.





FREITAS, Kênia. **Cinema Negro Brasileiro**: uma potência de expansão infinita. In: SIQUEIRA, Ana [et al]. Festival Internacional de curtas de Belo Horizonte (catálogo). Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado. 2018.

HOOKS, bell. **Cinema vivido**: raça, classe e sexo nas telas. São Paulo: Elefante, 2023.

MANGUEIRA, Estação Primeira de. **À Flor da Terra — No Rio da Negritude entre Dores e Paixões**. In: LIESA. Livro Abre-alas (domingo). 2 de março. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. SP: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Lúcio. **Tímidos ou Indisciplinados?** In: SANTOS, Gislene Aparecida dos (org.). Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola. Ministério da Educação, UNIAFRO. São Paulo, 2007.

SILVA Rodrigo Torquato da. **Escola-favela, conhecimentos, transgressão e poder: esses meninos não têm jeito?**. *Revista de Educação PUC-Campinas* [en linea]. (27), 87-96, 2009.